

Caminhamos por estes contos do mais recente livro de José Cardoso Pires como deixamos vagar o olhar pelos quadros de Bosch. A mestria do escritor está, em grande parte, n'

A arte de nos tirar o tapete

Edgar Poe, na análise que faz do *modus operandi* da criação literária servindo-se do exemplo da composição do seu poema *O Corvo*, escreve: «Duas coisas são eternamente requeridas: uma, uma certa soma de complexidade ou, para ser mais preciso, de combinação; a outra, uma certa quantidade de espírito sugestivo, algo como uma corrente subterrânea de pensamento, não visível, indefinido.» (*Método de Composição*)

Evocar Poe a propósito do último livro de Cardoso Pires é algo que vai de si, não aparecesse logo no primeiro conto a personagem do Corvo Vicente na Lisboa tornada «república dos corvos». Mas, é no último conto — *O Pássaro das Vozes* — que está mais presente a presença tutelar do contista americano. O Azougueiro, de quem os entendidos dizem: «Não pode ser, este pássaro não existe.» — participa da perturbante natureza do Corvo que diz: «Nevermore.» E (juraria!) Cardoso Pires poderia fazer suas as frases acima transcritas

de Poe, os contos de *A República dos Corvos* obedecendo aos requisitos enunciados.

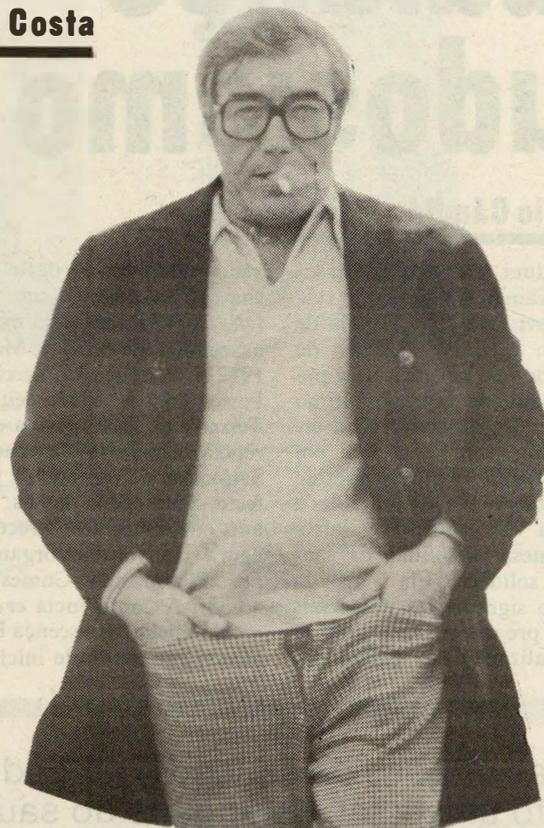
Uma ressalva prévia: o conto (ou novela?) *Dinossauro Excelente* está a mais, desequilibrando o conjunto. Não é a excelência (o humor, a precisão) do conto que se questiona. Recordo o impacto que a primeira leitura desta fábula política provocou e, dezassete anos depois, talvez tenha saboreado ainda mais a justa medida da sátira. A questão é outra: o *Dinossauro* foge ao tom dos restantes contos, variações do tema que o Juiz de *Ascensão e Queda dos Porcos-Voadores* resume na frase lapidar — «Cada homem transporta dentro de si o seu bestiário privado», tomada para epígrafe do conjunto dos contos.

Sem dúvida que o *Dinossauro* também é um animal, mas a designação surge ditada por motivos satíricos que pouco têm em comum com o espírito que preside aos restantes contos, embora um deles, *Os Passos Perdidos*, partilhe da mesma atmosfera irónica. Signifi-

cativamente estes dois contos são os únicos que tinham sido publicados antes (o *Dinossauro* em livro, *Os Passos Perdidos* em jornais, aqui no JL e em *Le Monde*) e uma inspiração comum os atravessa: a crítica mordaz das instituições e seus apaniguados. Mas *Os Passos Perdidos*, para além de ser uma sátira ao congresso dos sábios cegos, também é um jogo intertextual subtil: com o citado *O Corvo* de Poe (a estátua de Pallas), com a conferência de Borges — *Cegueira*.

Recordemos, porém, as indicações de Poe acerca da composição e atentemos no modo superior ou a capacidade de *presentificar*, através do discurso, a denominada realidade, que é múltipla e inapreensível. E, a todos os contos reunidos neste volume (à excepção do *Dinossauro*), poderia convir a designação de fantásticos, se aceitarmos que o fantástico é o lugar da hesitação entre o real e o imaginário. Duas visões se

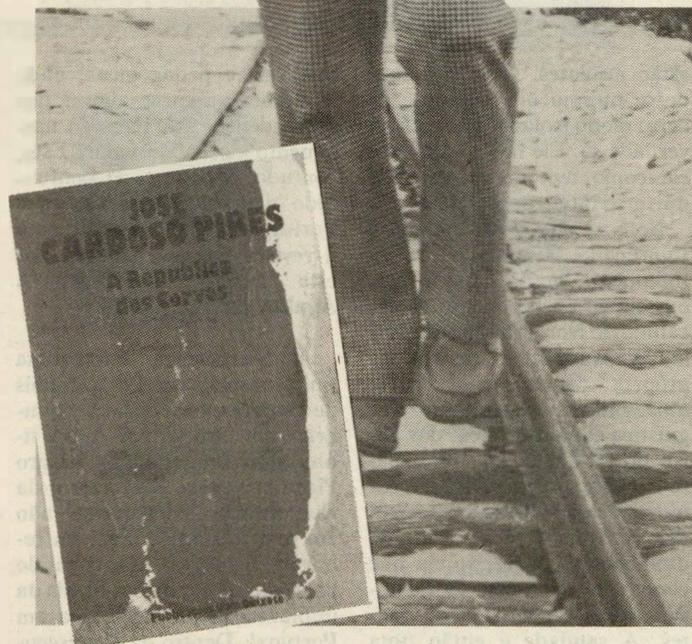
Linda Santos Costa



propósito de Alberto Soares, correspondente comercial e tradutor não publicado de T. S. Eliot, ou ainda Poe ou Borges ou Vieira ou Cardoso Pires a propósito deste ou daquele conto, poderá ser um exercício fácil e gratificante para o crítico à caça de referências, mas deixamos no limiar da obra. A crítica que este livro exige é uma crítica que assinale os processos narrativos utilizados responsáveis pela audição de duas vozes (ou várias?) que se sobrepõem distintamente ao longo dos textos.

Mas, temo que uma crítica estrutural, limitando-se a fazer o levantamento das estruturas semio-narrativas e discursivas, pouco nos elucide sobre o mistério da criação desta prosa deslumbrantemente precisa e ritmada. Exemplos? Basta abrir, ao acaso, o livro: «Sete anos, sete guerras, o campo dos mortos crescia, crescia, era uma extensão de cascos escuros, e no ar desliza o arido e terrível odor dos bichos como uma exalação da peste.» (p-56) ou «Uma revolução, caiu lá de tudo, não faltou nada: cantares quimbundos, choros de hienas, trinares, garrulhoses e macacada aos guinchos, um estardalhaço de tal ordem que à terceira ou quarta noite o Contabilista resolveu devolver o pássaro ao guarda.» (p-218)

E como elucidar o processo criativo que afirma para logo negar a equivalência entre o corpo e as suas representações? Nas palavras do Juiz: «É minha convicção, meu caro Doutor, que alguns seres humanos contêm no seu interior certos testemunhos da unidade da Criação.» (p-41) Os fantasmas que Freud descobriu povoarem a mente dos traumatizados são morcegos que saem de dentro da cabeça e as visões de porcos-voadores do juiz têm o seu fundamento num quisto dermatóide, espécie de embrião da cauda de um porquinho, podem ficar descansadas as mentes positivas. Tudo se obscurece, porém, por obra e graça do perturbador burro Pintinhas... Torna-se impossível afastar a indecisão, tomar partido por esta ou aquela interpretação, o nevoeiro a ensombrar todos os contos e não somente a nebulosa Rua do Bisonte que serve de cenário ao conto *Lulu*. Os fantasmas naturalizam-se ou o real torna-se surreal e nós, leitores, caminhamos por estes contos como deixamos vagar o olhar pelos quadros de Jerónimo Bosch: à deriva, o prazer de ver, de sonhar.



sobrepõem na voz que nos narra as histórias e o leitor fica suspenso da interpretação a dar a fenómenos que violam as leis naturais: corvos que falam e têm sentimentos humanos, porcos-voadores a atravessarem o horizonte ao pôr de sol, um engenheiro Kapa soterrado por baratas, uma esposa-menina violada por um lobo-d'alsácia, sábios cegos com cães secretários, um pássaro inexistente que é o espelho sonoro da natureza.

O pendor positivista do autor está omnipresente e os argumentos razoáveis não faltam. Poderia mesmo dizer-se que é proposta uma explicação sociológica (ou psico-sociológica) dos delírios, das fábulas de museu. Mas, sob o olhar irónico do autor que desdobra ante nós «um nunca acabar de enredos

vivos», emerge de quando em quando «o conhecido olhar ardente que domina as criaturas possuídas de mistério, apóstolos, visionários ou outros tidos como tal». Tudo embrulhado numa sonora gargalhada semelhante ao riso de Deus quando presencia o pensamento do homem.

A mestria de Cardoso Pires está, em grande parte, nesta arte (tecné) de nos tirar, subrepticamente, o tapete que, momentos antes, estendera à nossa frente para, sobre ele, caminhar. Somos todos sábios cegos ao entrar em *A República dos Corvos* e de pouco nos vale a erudição: as referências literárias, que são múltiplas, estão ali para nos desnopear. Referir Kafka a propósito de Franz Kapa de *As Baratas*, ou Eliot ou Bernardo Soares a

M. ASSUNÇÃO VILHENA

«A FLOR DO FETO REAL»

Edição da autora
221 páginas

A cultura de um povo da Beira Baixa: tradições, rezas, mezinhas, crenças, superstições... numa história emocionante.

À venda em Lisboa, no Centro Comercial Arco Iris. Em Setúbal, na Livraria Culsete; em Oeiras, no Shopping Palmeiras, loja 105 e Papelaria Bazaruca, R. da Quinta das Palmeiras.

URBANO DA CRUZ

Imagens do Imaginário,
Pintura e Desenho.

Pousada de S. Filipe,
Castelo de S. Filipe,
Setúbal,
de 11 de Fevereiro
a 3 de Março, diariamente,
das 10 h. às 22 h.



Teatro da Cornucópia

VIDA E MORTE DE BAMBÁ



de Lope de Vega

Excepcionalmente hoje
não se realiza espectáculo

ÚLTIMAS SEMANAS

No Átrio: Exposição de Fotografia de Duarte Belo

3.ª a sábado às 21 horas — domingo às 16 horas

Teatro do Bairro Alto

Rua Tenente Raul Cascais, 1-A
Telefones: 66 15 15/66 92 05 — 1200 LISBOA



RUA DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, 122
Telefa. 57 87 66-57 88 39 1000 LISBOA

Amplifícopias cores 10 x 15 cada 50\$00
CAMPANHA Revelação 187\$00
Repetições 70\$00

LOJAS: Rua das Pretas, 45 (Antunes & Valadas, Lda.)
Rua Augusta, 249-251 (Filmarte)

José Cardoso Pires
A República dos Corvos
Publicações D. Quixote
218 págs.